

A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA-COLABORATIVA COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Edilânia Medeiros de A. Fernandes

Graduanda do Curso de Pedagogia - UFRN/CERES/PIBIC (IC) – Autora

Francisca Geny Lustosa

UFRN/CERES - Orientadora

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, e tem como finalidade a socialização dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa intitulada “Análise de situações didático-pedagógicas junto a alunos com deficiência”, antes, faremos um resgate histórico acerca da perspectiva cooperativa-colaborativa, seguida de sua importância como recurso didático pedagógico para a inclusão de alunos com deficiência. A abordagem de pesquisa utilizada neste estudo é a pesquisa-intervenção colaborativa, que tem como pressuposto a noção de que os sujeitos nela envolvidos, pesquisadores do meio acadêmico e professora colaboradora da pesquisa, “compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto, orientados por uma preocupação compartilhada entre os sujeitos que atuam, desempenhando papéis distintos, mas com unidade” (ANADON, 2000). Uma vez que a fase de categorização dos dados ainda encontra-se no processo de conclusão, é possível adiantar como resultado da pesquisa, que a perspectiva da aprendizagem cooperativa-colaborativa certamente é mais efetiva do que o trabalho puramente individual, e por isso traz uma grande contribuição para o envolvimento de alunos com deficiência nas atividades desenvolvidas na sala de aula do ensino regular. Dessa forma, a partir dos resultados desta pesquisa, por sua vez “produtos” do processo de intervenção baseado na vertente da aprendizagem cooperativo-colaborativa, espera-se contribuir para a inserção dessas práticas pedagógicas, a fim de favorecer todos os alunos, em especial, aqueles com deficiência.

Palavras-chave: aprendizagem, cooperação, colaboração, deficiência, inclusão.

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do trabalho cooperativo-colaborativo multiplicaram-se nos últimos anos, tanto no Brasil quanto em outros países, visto que, segundo os resultados de pesquisas realizadas recentemente neste âmbito, o tipo de trabalho em questão tem contribuído de maneira significativa para o enfrentamento de problemas administrativos, pedagógicos e comportamentais dentro do ambiente escolar.

Neste caso, o texto intenciona discutir os resultados obtidos no decorrer da pesquisa, intitulada “Análise de situações didático-pedagógicas junto a alunos com deficiência”, por sua vez inserida no projeto “Práticas pedagógicas diversificadas e inclusão: implicações para o desenvolvimento e para a aprendizagem de alunos com deficiência”. Antes, porém, propõe-se uma incursão pelos fundamentos que designam os termos “cooperação” e “colaboração”, no sentido de refletir a cerca da importância dos mesmos na aprendizagem, e em especial dentro do processo de aprendizagem.

Muitas pessoas, em geral aquelas consideradas leigas em relação ao campo educacional, ao se depararem com os termos “cooperação” e “colaboração”, acabam por lhes dar o mesmo sentido, devido à semelhança entre aqueles quanto ao aspecto gráfico, como também ao analisarmos o sentido epistemológico de ambos.

No que concerne à origem e significado dos termos “colaboração” e “cooperação”, de acordo com a literatura brasileira e de outros países, ambos são empregados alternadamente, para denominar o processo que pode ocorrer quando um número de pessoas trabalha em conjunto. Alguns autores, dentre eles, Costa (2006), argumenta que embora os termos tenham o mesmo prefixo *co*, que significa ação conjunta, diferenciam-se porque o verbo cooperar é derivado da palavra *operare*, enquanto o verbo colaborar é derivado de *laborare*. Assim, para esse autor, na cooperação há ajuda mútua na execução de tarefas, embora suas finalidades geralmente não sejam fruto de negociação conjunta do grupo, podendo a partir daí, existir relações desiguais e hierárquicas entre os seus membros. Prontamente, na colaboração por outro lado, ao trabalharem juntos, os membros de um grupo se apoiam, visando a atingir objetivos comuns, negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem a não hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e corresponsabilidade pela condução das ações.

Por outro lado, autores como Torres, Alcântara e Irala (2004), não atribuem importância às diferenças entre eles, visto que estes argumentam que ambos os termos derivam de dois postulados principais: rejeição ao autoritarismo e promoção da socialização, não só por meio da aprendizagem, mas principalmente, dentro do processo de aprendizagem. Por esse motivo, também podemos encontrar os termos “colaboração” e “cooperação” sendo utilizados simultaneamente.

1 UM RESGATE HISTÓRICO ACERCA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA E DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA

1.1 Perspectiva da Aprendizagem Cooperativa

Até os anos setenta a aprendizagem cooperativa ocupou um lugar marginalizado nos sistemas educativos, lugar que de certa forma ainda se mantém, pois ainda necessita de uma crescente atenção, visto que ainda está longe de atingir um *status* dominante. A partir da década de setenta, começaram a surgir os primeiros trabalhos acerca da aprendizagem cooperativa, certamente ninguém imaginou o interesse e o sucesso que essa forma de ensino-aprendizagem iria merecer.

A partir daí, a aprendizagem cooperativa começou a ganhar um *status* relevante nos campos da psicologia social e da psicologia educacional, quer pelo sólido referencial teórico construído, como também pelo crescente número de docentes que utiliza com regularidade alguma forma de trabalho cooperativo dentro de sua sala de aula.

Após esta fase inicial, investigadores da área, dentre eles o Dr. Spencer Kagan passaram a se preocupar, sobretudo em legitimar este modo alternativo de ensino-aprendizagem junto da comunidade científica, através de estudos que permitissem a comparação e a demonstração da sua eficácia na promoção do sucesso escolar, relativamente a outras formas de ensino-aprendizagem, as investigações puderam expandir-se a outras áreas e lugares.

1.2 Perspectiva da Aprendizagem Colaborativa

Aprendizagem Colaborativa é uma perspectiva decorrente de uma análise baseada na abordagem histórico-cultural da psicologia, cujo expoente é Lev Vygotsky, um grande colaborador nas áreas da Educação e da Psicologia.

Encontramos na Aprendizagem Colaborativa, um recurso na área educacional que consiste em estabelecer um procedimento no qual o aluno, ou usuário, em parceria com o professor ou com o próprio colega, estabeleçam uma relação de reciprocidade. Esta relação abrange desde a compreensão até a interpretação da informação de determinados assuntos, ou melhor, permite trocas ativas de idéias entre os pares, sejam eles “professor-aluno”, ou “aluno-aluno”. Parte desta ideia, a importância do “outro” para o desenvolvimento do sujeito,

O outro é, portanto, imprescindível tanto para Bakhtin como para Vygotsky. Sem ele o homem não mergulha no mundo sógnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito. O outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico que permeia ambas as teorias. (FREITAS, 1997, p.320)

A Aprendizagem Colaborativa, portanto, permite as trocas de experiências entre os sujeitos, sendo este, o ponto de partida e de chegada da aprendizagem. Sendo assim, é através das relações advindas a partir de experiências que envolvem a ação de conhecer e a possibilidade de escolha, que o conhecimento torna-se mais significativo.

Assim, dentro do processo de ensino-aprendizagem que engloba a Aprendizagem Colaborativa, não estão sendo envolvidos apenas os professores e alunos, mas todos aqueles que fazem parte deste processo, ou seja, todos os sujeitos que de alguma forma possam contribuir com os seus conhecimentos. A Aprendizagem Colaborativa acaba funcionando como uma estratégia de ensino na qual os alunos de vários níveis de desempenho trabalham juntos em pequenos grupos tendo uma única meta, que por sua vez proporciona a interatividade.

2 O TRABALHO COOPERATIVO-COLABORATIVO DO PONTO DE VISTA PEDAGÓGICO

Segundo Gutiérrez (2003) e Maturana (1998), o trabalho cooperativo-colaborativo pressupõe um modo de vida não hierárquico, centrado em relações de participação, confiança e coerência em relação aos demais seres humanos. Este tipo de trabalho, por sua vez, cria oportunidades para o desenvolvimento cognitivo e social, além de produzir a satisfação pessoal e/ou profissional dos que delas participam, propiciando assim o resgate de valores, tais como o compartilhamento, o respeito mútuo e a solidariedade, aparentemente esquecidos na atualidade.

Algumas experiências propostas por Arnaiz, Herrero, Garrido e Haro (1999), mostram que, com frequência, acontece apenas uma “junção” de trabalhos e não um efetivo e significativo trabalho colaborativo/cooperativo, no qual o âmbito privilegiado (do ensino, da aprendizagem e da pesquisa) é o do grupo. Neste tipo de cultura, todos os participantes são co-autores das regras construídas na convivência do grupo, compartilham as decisões tomadas

e são responsáveis pela qualidade do que é produzido, conforme suas possibilidades e interesses.

Segundo alguns relatos de experiências, esse tipo de trabalho produz resultados importantes: as escolas em que predominam culturas de colaboração são mais inclusivas, obtendo índices mais altos de sucesso escolar entre seus estudantes e maior satisfação profissional e pessoal entre seus professores.

Assim, pode-se atribuir tamanha importância às atividades de caráter colaborativo-cooperativas, visto que funcionam como importantes “facilitadores”, no que se refere à promoção de aprendizagens significativas e efetivas, de autonomia e capacidade de resolução de problemas, entre seus participantes. Este tipo de trabalho nos permite pensar e avaliar nossos fazeres educativos, desde que, estando educadores, alunos e conhecimentos em permanente construção, fazendo-se e refazendo-se pelas mediações entre as teorias e as práticas analisadas e/ou produzidas.

3 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COOPERATIVO-COLABORATIVO NA SALA DE AULA

Além de socializar os subsídios teóricos que permeiam a perspectiva cooperativa-colaborativa, outra proposta desta pesquisa é o caráter interventivo em salas de aula do ensino regular, assim como a análise dos tipos de atividade realizadas no interior da Sala de Recursos Multifuncionais dentro de uma escola pública no município de Caicó-RN. Levando em consideração o desconhecimento ou não conhecimento acerca do trabalho cooperativo-colaborativo, os profissionais da escola, especialmente os que atuam na Sala de Recursos Multifuncionais, passaram por um momento de sensibilização, a partir do qual tiveram um primeiro contato com os aspectos teóricos e práticos inseridos dentro da perspectiva cooperativa-colaborativa. Após este momento de sensibilização, foram realizadas reuniões juntamente com os membros do grupo, nas quais foram priorizados estudos teóricos pautados em autores da área da aprendizagem cooperativa e colaborativa, tais como Vygotsky, Damiani, e Fontaine, para, a partir daí elaboramos um planejamento voltado para todos os alunos, especificamente para aqueles com Deficiência Intelectual (DI).

Antes disso, foi realizado um levantamento para diagnosticar a quantidade de alunos com deficiência que a Sala de Recursos Multifuncionais recebia, além disso, foram coletados

alguns dados particulares de cada aluno (data de nascimento, necessidade educativa especial, modalidade de ensino, ano, turma). Foram totalizados 22 alunos com idades, modalidades de ensino e deficiências variadas, deste total, considerou-se apenas os alunos com Deficiência Intelectual, que frequentassem a rede regular de ensino, mais precisamente o ensino fundamental, visto que estas eram exigências da pesquisa. Assim, apenas duas crianças atenderam ao perfil determinado previamente, portanto as mesmas tornaram-se sujeitos da investigação. Essas crianças foram observadas em dois ambientes: a Sala de Recursos Multifuncionais, a qual frequentam três vezes por semana, e a sala regular do ensino fundamental, a qual deveriam frequentar diariamente.

No que concerne às visitas realizadas na Sala de Recursos Multifuncionais, vale ressaltar que as mesmas ocorreram com a frequência de duas visitas semanais, realizadas sempre no horário vespertino, no período de 03 (três) meses. O atendimento acontecia 03 vezes durante a semana (segundas, quartas e sextas feiras), das 13 (treze) às 17 (dezesete) horas, com um pequeno intervalo de 15 (quinze) minutos. Ao todo, foram realizadas 20 visitas, durante as quais foi possível traçar um diagnóstico das crianças ali atendidas.

Durante as atividades propostas pela professora tutora da Sala de Recursos Multifuncionais, era visível que as crianças realizam as tarefas com sucesso, e sobressaem-se bem durante sua execução, no entanto, até o presente momento não foi efetivado nenhum trabalho cuja metodologia fosse a “parceria” entre os sujeitos, ou seja, o contato entre os alunos atendidos na sala com outros alunos com ou “sem deficiências”. Assim, percebemos que o fato de a relação ser restrita apenas ao especialista e a criança, não prejudica esta última, mas também, não contribui para que ela aprenda com “o outro”, e assim suas experiências e conhecimentos deixam de ser socializados.

Concomitantemente às visitas feitas a Sala de Recursos Multifuncionais, foram realizadas também visitas à sala do ensino regular que atendia os dois sujeitos da pesquisa, por sua vez já citados. Aconteceram, no período de 22 de março à 25 de maio, além de uma observação, 10 (dez) visitas interventivas, todas realizadas no horário matutino, das 07 (sete) às 11 (onze) da manhã, as mesmas eram realizadas uma vez por semana.

Foi perceptível que na sala de aula regular, a questão do contato com o “outro” é particularmente mais favorecida, porém, o professor acaba “esquecendo” das limitações que os alunos com DI apresentam, e os mesmos acabam sendo isolados ou até mesmo desmerecidos durante a realização das atividades em sala de aula.

A partir desta comprovação, tanto na Sala de Recursos Multifuncionais, tanto na sala de aula do ensino regular, constatou-se a necessidade de se inserir novas estratégias nos ambientes supracitados, ou seja, uma intervenção pautada em atividades fundamentadas nos princípios da aprendizagem cooperativa-colaborativa, que é exatamente o que esta pesquisa propõe.

As atividades foram planejadas para os 10 (dez) dias de intervenção, em parceria com a professora da sala de aula do ensino regular. A cada aula executada, posteriormente foram realizadas avaliações pautadas basicamente em dois instrumentais: os Indicadores de Envolvimento da Criança e a Escala de Envolvimento da Criança. Essas avaliações eram realizadas sob dois pontos de vista, o da professora da sala de aula do ensino regular, como também pela pesquisadora. A análise desses instrumentais, que por sua vez está sendo realizada, é que irá estabelecer as conclusões acerca deste processo investigativo.

Apesar de existirem apenas resultados parciais a cerca desta investigação, podemos ressaltar que não há dúvidas de que a aprendizagem cooperativa-colaborativa certamente é mais efetiva do que o trabalho puramente individual. Pois, como propõe Vygotsky (1982), é através das interações grupais que os indivíduos podem superar o que não capazes de realizar sozinhos. O colega é visto como um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois se parte do pressuposto de que o conhecimento é construído coletivamente, e não isoladamente (Vygotsky, 1998).

Assim, o trabalho cooperativo-colaborativo acaba funcionando como um importante elemento coadjuvante no trabalho pedagógico, e conseqüentemente no que concerne à inclusão de alunos que apresentam deficiências. Além disso, esta proposta favorece, a partir de reflexões coletivas, autorreflexões e desenvolvimento de pensamento crítico e criativo, e ainda por meio de estratégias de formação processuais, coletivas, dinâmicas e contínuas, uma melhor qualidade das trocas do indivíduo com o ambiente e com os seus pares, constituindo-se como “força propulsora” de seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão a cerca dos fundamentos que englobam a perspectiva da aprendizagem cooperativa-colaborativa encontra-se um pouco distante do ambiente escolar, visto que a mesma mal adentrou as referidas instituições. Visando socializar a importância desta

perspectiva, pretendeu-se, a partir deste estudo, argumentar a favor do desenvolvimento de atividades colaborativas entre professores e entre alunos, haja vista a acumulação de experiências, que se vêm sido discutidas na literatura, evidenciando a forte contribuição do trabalho colaborativo para diversas áreas, priorizando aqui, a área educacional. O trabalho colaborativo possibilita, além disso, o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade - que foram se perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista. É preciso que, em vez de simplesmente “juntarmos trabalhos”, possamos “trabalhar juntos”, ou seja, se faz necessário priorizar a coletividade em vez da individualidade.

Apesar do espaço aqui disponível não possibilitar o “desmiuçar” das possibilidades oferecidas pelo trabalho cooperativo-colaborativo, passemos a acreditar que as evidências aqui apresentadas são suficientes para afirmar a importância deste tipo de trabalho, que deveria, portanto, ser entendido e discutido tanto nos cursos de formação inicial quanto nos programas de formação continuada de docentes.

Dessa forma, em se tratando do desafio atual da escola para o atendimento a diversidade, a pesquisa-ação apresenta-se como a possibilidade de investigar sobre essa realidade, produzindo formas de intervenção necessárias a sua efetivação. A pesquisa-ação é, portanto, um tipo de investigação que tem relação estreita com os problemas apresentados pelo campo, para os quais se exige uma ação com fins a uma resolução do problema e “no qual os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. (THIOLLENT, 1998, p.14).

REFERÊNCIAS

BESSA, Nuno; FONTAINE, Anne Marie. Cooperar para aprender – Uma introdução à aprendizagem cooperativa. Porto: Edições ASA, 2002.

FREITAS, M. T. de A. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. *In*: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

DAMIANI, Magda Floriana; PORTO, Tânia Maria Esperón; SCHLEMMER, Eliane (Org.). *In*: Trabalho colaborativo/cooperativo em educação: uma possibilidade para ensinar e aprender – São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.